

Vídeo: **Karingana**
Duração: **01:12:00**
Versão: **1**

Data: **08.02.2018**

Roteiro:

IMAGEM	ÁUDIO
<p>Vemos Maria Bethania cumprimentando os artistas.</p> <p>Vemos Mingas cantando.</p> <p><i>LETTERING: MINGAS CANTORA</i></p>	<p>MARIA BETHÂNIA: Ê...</p> <p>MARIA BETHÂNIA: Que lindo.</p> <p>MIA COUTO: Que prazer estar a recebendo aqui...</p> <p>MARIA BETHÂNIA: Da sua terra Mia. Com licença.</p> <p>MIA COUTO: É um sonho.</p> <p>MARIA BETHÂNIA: Que bom te rever.</p> <p>MIA COUTO: Agualusa.</p> <p>MARIA BETHÂNIA: Muito prazer Agualusa.</p> <p>AGUALUZA: Muito feliz por conhecer você...</p> <p>MARIA BETHÂNIA:</p>

MARIA BETHÂNIA:

Eu vim para fazer uma leitura com vocês dois participando. Um pouco eu escolhi, como nós fizemos lá do seu livro Mia. Eu achei tão bonita as duas cartas, a mãe e o pai. Se você se interessar.

Porque eu te digo, você entrou na minha leitura muito. Fora de você, seu poema, sua poesia. Muitos momentos de poesia sua.

Se vocês gostam assim, se vocês querem assim, se é isso que vocês querem dizer.

Eu pensei em fazer a história do padre no livro na Bíblia, por conta do Craveirinha do tambor.

MIA COUTO:

Essa ligação é muito boa.

MARIA BETHÂNIA:

É boa?

E você Agualusa, eu pensei nesse poema, e vou cantar uma canção que é uma moda de viola do Brasil, de um dos maiores autores assim.

Que eu acho que esse poema que eu escolhi, é curto e é para mim muito dono , foi o que me ganhou logo, e eu fiquei com ele. Se você quiser você faria comigo o querer e eu comia a carta e a carta.

LETTERING:

Fundação Fernando Leite Couti
Maputo/Moçambique

LETTERING:

Karingana
Licença para contar

LETTERING:

As ayabás

Caetano Veloso/ Gilberto Gil

LETTERING:

Olhos de Lince

Waly Salomão

MARIA BETHÂNIA:

lansã comanda os ventos

A força dos elementos

Na ponta do seu florim

É uma menina bonita

Quando o céu se precipita

Sempre o princípio e o fim

lansã comanda os ventos

Quem fala que eu sou esquisita hermética.

**É porque não dou sopa estou sempre
elétrica**

Nada que se aproxima nada me é estranho

Fulano sicrano beltrano

**Seja pedra seja planta seja bicho seja
humano**

**Quando quero saber o que ocorre a minha
volta**

**Ligo a tomada abro a janela escancaro a
porta,**

**Experimento, invento tudo nunca jamais
me iludo**

Quero crer no que vem por aí beco escuro

Me iludo passado presente futuro urro

**Reviro balanço reviro na palma da mão o
dado**

Futuro presente passado

Tudo sentir total

É chave de ouro do meu jogo

É fósfora que acende o fogo

Da minha mais alta razão

E na sequência de diferentes naipes

Quem fala de mim tem paixão.

4-

LETTERING:

Sara Jona
Escritora

LETTERING:

Identidade
Mia Couto

Vemos detalhes da árvore

SARA JONA

Há uma expressão que é recorrente do contar de histórias nas tradições Moçambicanas. Que é a expressão Karingana ou a Karingana. Qual alguém vai contar uma história, começa por dizer, Karingana ou a Karingana. E tem ouvintes perto de si, e esses ouvintes respondem Karingana, como quem diz, estou aqui para te ouvir.

MARIA BETHÂNIA:

Sou o grão de rocha
Sou o vento que a desgasta
Sou pólen sem insecto
Sou areia sustentando o sexo das árvores
Meu vício é vitalício.
Comer a vida deitando-a entontecida sobre o linho do idioma
Até chegar ao fim da voz.
Até ser um corpo sem foz.

5 –

LETTERING:

Lourenço do Rosário
Reitor da Universidade Politécnica

LETTERING:

Mia Couto
Escritor/poeta

LOURENÇO DO ROSÁRIO:

A tradição oral é digamos, a escola moçambicana.

MIA COUTO:

Esta lógica da oralidade é ainda absolutamente dominante em Moçambique. No Brasil ainda é muito presente, na Europa é menos presente. Porque a cultura da escrita, a lógica, essa racionalidade que vem com a escrita, depois minoriza isso, que são o lado mais metafórico da linguagem.

E aqui não, aqui é absolutamente presente.

As pessoas pensam assim, pensam através de histórias. O assunto mais solene, mais grave, mesmo que seja do lado da modernidade é convertido para esse outro mundo, em que as coisas se transformam numa pequena história né.

6 –

Vemos imagens da praia, de barcos,
pessoas no barco.
Imagens de pescadores, puxando a
rede, detalhes da rede.

LETTERING:

Mestre não é quem sempre ensina...
Guimarães Rosa

LETTERING:

Poesia
Antonio Vieira

MARIA BETHÂNIA:

**Mestre não é quem sempre ensina mas
aquele que de repente aprende.**

**A nossa poesia é uma só e eu não vejo
razão para separar**

**Todo o conhecimento que está cá foi
trazido dentro de um só mocó**

E ao chegar aqui abriram o nó

E foi como se ela saísse do ovo

A poesia recebeu sangue novo

Elementos deveras salutares

Os nomes dos poetas populares

Deveriam estar na boca do povo.

Os livros que vieram para cá

O Lunário e a Missão Abreviada

A donzela Teodora e a fábula

Obrigaram o sertão a estudar

De repente começaram a rimar

A criar um sistema todo novo

O diabo deixou de ser um estorvo

E o boi ocupou outros lugares

Os nomes dos poetas populares

Deveriam estar na boca do povo.

No contexto de uma sala de aula

Não estarem esses nomes me dá pena

A escola devia ensinar

Pro aluno não me achar um bobo

Sem saber que os nomes que eu louvo

São vates de muitas qualidades

O aluno devia bater palma

Saber de cada um o nome todo

Se sentir satisfeito e orgulhoso

E falar deles para os de menor idade

Os nomes dos poetas populares.

LETTERING:

Reza, Maria
José Craveirinha

LETTERING:

Lina Jéssica
Aluna

LINA JÉSSICA:

Suam no trabalho as curvadas bestas e
não são bestas
são homens, Maria!
Corre-se a pontapés os cães na fome dos
ossos e não são cães
são seres humanos, Maria!
Feras matam velhos, mulheres e crianças
e não são feras, são homens e os velhos,
as mulheres e as crianças
são os nossos pais, nossas irmãs, nossos
filhos, Maria!
Põe as mãos e reza.
Pelos homens todos e negros de toda a
parte
põe as mãos e reza, Maria!

8 -

Imagens de mulheres trabalhando com
a enxada.

LETTERING:

Castigo pró comboio malandro
António Jacinto/Fausto Bordalo Dias

LETTERING:

Trem de ferro
Manoel Bandeira/ Tom Jobim

MARIA BETHÂNIA:

Ô, quando me prenderam no canaviá
Cada pé de cana era um oficiá
Ô, menina bonita do vestido verde
Me dá sua boca pra matar minha sede
Ô, vou me embora, vou me embora
Tchiquemtem...tchiquemtem...
É o comboio malandro que passa, nas
janelas muita gente
Niganas bonitas, quitandeiras de lenço
encarnado,
levam cana no luanda pra vender...
Tchiquemtem...tchiquemtem...
Vou danado pra catende, danado pra
catende, danado pra catende,
com vontade de chegar.

Mergulham mocambos nos mangues
molhados, moleques, mulatos, vêm vê-los
passar.
Adeus, adeus, mangueiras, coqueira]os,
cajueiros em flor, cajueiros com frutos já
bons de chupar,
Adeus morena do cabelo cacheado, cana

	<p>caiana, cana roxa, cana fita, cada qual é mais bonita. Todas boas de chupar. Eu não gosto daqui Eu nasci no sertão, eu sou de Ouricuri Vou depressa, vou correndo, vou na toda, que só levo pouca gente, pouca gente, pouca gente Danado pra catende, vou danado pra catende, danado pra catende, Tchiquemtem...tchiquentem...Tchiquemtem ...tchiquentem... Vou danado pra catende, vou danado pra catende, vou danado pra catende, com vontade de chegar.</p>
<p>9 - <i>LETTERING:</i> Nataniel Ngomane Pres.Fundo bibliográfico da língua portuguesa.</p> <p><i>LETTERING:</i> Calane da Silva escritor/poeta</p> <p><i>LETTERING:</i> Sara Jon</p>	<p>NATANIEL NGOMANE: A ideia de uma comunicação numa situação multilinguística como Moçambique exigia que houvesse uma única língua que todos pudessem atender, essa língua obviamente era a língua portuguesa. Quer dizer eu Roga, eu Maconde no norte, eu Sena no meio, eu falo português e posso me entender agora. Se eu falo em Roga, os meus outros compatriotas não vão me atender, se eu falo em changano.. Então nós apropriamos nos desta língua.</p> <p>CALANE DA SILVA: O presidente Samora Machel dizia muito isso, e o Mandela dizia muitas vezes que a língua portuguesa era como um troféu de guerra. É como a gente armar o inimigo e depois lutar com aquela arma contra o inimigo. Portanto, a língua portuguesa é um troféu de guerra. É nossa, nós ganhamos, nós conquistamo-la não é? Portanto temos orgulho nela, e estamos aí a expandi-la, a nossa maneira, mas estamos a expandi-la.</p> <p>SARA JONA: A questão da identidade atravessa a vida e a poesia de qualquer nação. Até porque</p>

<p>Escritora</p>	<p>não temos sempre um momento estanque em qual a identidade é a mesma coisa. A nossa literatura foi refletindo essas nuances.</p>
<p>10 -</p> <p>Imagens de pessoas andando na praia. Imagem de pinturas e esculturas. Vemos uma mulher pintando o rosto.</p> <p><i>LETTERING:</i> O Padre Henrique e o dragão da maldade Patativa do Assaré</p> <p><i>LETTERING:</i> Abc do Nordeste Flagelado Patativa do Assaré</p>	<p>MARIA BETHÂNIA:</p> <p>Sou um poeta do mato vivo afastado dos meios, a minha rude lira canta casos bonitos e feios eu canto meus sentimentos e os sentimentos alheios. Eu canto da mata frondosa, a sua imensa beleza onde vemos os sinais do pincel da natureza. E quando é preciso eu canto a mágoa, a dor e a tristeza. É duro viver no Nordeste quando o nosso Pai Celeste não manda a nuvem chover. É bem triste a gente ver findar o mês de janeiro depois findar fevereiro e março também passar, sem o inverno começar no nordeste brasileiro.</p>
<p>11 -</p> <p>Vemos imagens de detalhes bijuterias.</p> <p><i>LETTERING:</i> Abc do Nordeste Flagelado Patativa do Assaré</p>	<p>MARIA BETHÂNIA:</p> <p>Ilusão, prazer, amor, a gente sente fugir, tudo parece carpir, tristeza, saudade e dor. Um é ver, outro é contar quem for reparar de perto aquele mundo deserto, dá vontade de chorar. Ali só fica a teimar o juazeiro copado, o resto é tudo pelado da chapada ao tabuleiro onde o famoso vaqueiro cantava tangendo o gado. Posso dizer que cantei aquilo que observei; Tudo é tristeza e amargura, indignância e desventura.</p>

LETTERING:

Último pau de arara

Venâncio, Corumbá, José Guimarães

LETTERING:

Emigração e as consequências

Patativa do Assaré

Eu canto o que a minha alma sente e meu coração encerra. As coisas da minha terra, a vida da minha gente.

A vida aqui só é ruim quando não chove no chão

Mas se chover dá de tudo fartura tem de porção. Tomara que chova logo tomara meu deus tomara.

Só deixo o meu cariri no último pau-de-arara.

Nos centros desconhecidos depressa vê corrompidos os seus filhos inocentes na populosa cidade de tanta imoralidade e costumes diferentes.

Meu bom Jesus Nazareno, pela vossa majestade fazei que cada pequeno que vaga pela cidade, tenha boa proteção, tenha em vez de uma prisão, aquele medonho inferno que revolta e desconsola, bom consolo, boa escola, um lápis e um caderno.

12 -

LETTERING:

Mia Couto

escritor, poeta.

MIA COUTO:

Eu sou de uma cidade onde se falam duas línguas, que é um pouco como aqui em Maputo. Mas lá se fala xindal e xissena. E eu falava xissena com fluência, quando eu era menino, a partir dos cinco, seis anos de idade falava. Era a língua do lado da rua, havia ali uma fronteira que era muito permeável, no caso dos bairros onde eu vivi, não em todo lado, mas nesses bairros que eram os bairros mais junto a periferia, a gente atravessava a África, e Portugal naquele caso não tinha conseguido afastar essa África para longe. Tava do outro lado da rua. Então quando eu queria brincar com esses meninos, eu tinha que brincar nessa outra língua, e eu ouvia histórias, e isso, digamos, foi uma coisa que me tornou acho que é disponível.

NATANIEL NGOMANE:

Minha língua materna é o xitso, que é a

LETTERING:

Nataniel Ngomane
Pres.fundo bibliográfico da língua portuguesa

língua que eu herdo do meu pai. E a outra é oshop, que é a língua que eu herdo da minha mãe. E eu cresço no subúrbio de Maputo, que a gente fala ronga. Portanto, eu nasço e cresço no meio destas três línguas até aos seis anos, eu começo a falar português para entrar na escola.

PAULINA CHIZIANE:

Nós já estamos muito habituados a fazer este exercício de migração, de um espaço linguístico para o outro, mas por vezes as migrações quando eu migro de um lugar para o outro não consigo levar toda a minha bagagem, é lógico. Há por exemplo, ti ti ti, parece um canto de um pássaro, mas é uma palavra, é uma expressão que diz muitas coisas. A palavra frescura, não é o ti ti ti, o ti ti ti é alguma coisa muito mais profunda, portanto é a sede que vai, é a paz que vem, é a tranquilidade, é a frescura.

LETTERING:

Paulina Chiziane
Escritora

13-

Vemos imagens de pinturas, detalhes das pinturas.

LETTERING:

Navegar é preciso
Fernando Pessoa, Caetano Veloso.

LETTERING:

Nesta vida em que sou meu sono
Fernando Pessoa

LETTERING:

Marinheiro só

MARIA BETHÂNIA:

Nessa vida, em que sou meu sono,
Não sou meu dono,
Quem sou é quem me ignoro e vive
Através desta névoa que sou eu
Todas as vidas que eu outrora tive,
Numa só vida.
Mar sou; baixo marulho ao alto rujo,
Mas minha cor vem do meu alto céu,
E só me encontro quando de mim fujo.
Eu não sou daqui - marinheiro só
Eu não tenho amor - marinheiro só
Eu sou da Bahia - marinheiro só
De São Salvador - marinheiro só.

<p>Domínio publico</p> <p>Vemos imagens do mar, barco, detalhes das ondas, pessoas remando. Vemos um menino observando o mar.</p> <p><i>LETTERING:</i> Marinheiro sem mar Sophia de Mello Breyner Andresen</p> <p><i>LETTERING:</i> A casa branca nau preta Álvaro de Campos</p>	<p>Porque ele tem um navios, mas sem mastros Porque o mar secou, porque o destino apagou o seu nome dos astros Porque o seu caminho foi perdido E ele tem as mãos pesadas de desastres E é em vão que ele se ergue entre os sinais Buscando pela luz da madrugada pura Chamando pelo vento que há no cais Ele morrerá sem mar e sem navios Sem rumo distante e sem mastros esguios E ao Norte e ao Sul Ao Leste e ao Poente Os quatro cavalos do vento Sacodem as suas crinas E o espírito do mar pergunta: Que é feito daquele para quem eu guardava um reino puro, de espaço e de vazios, de ondas brancas e fundas e de verde frio? Ele se perdeu do que era eterno E separou o seu corpo da unidade E se entregou ao tempo dividido Das ruas sem piedade. As naus seguiram viagem não sei em que dia escondido, E a rota que devem seguir estava escrita nos ritmos, Os ritmos perdidos das canções mortas do marinheiro de sonho...</p>
<p>14- Vemos imagens de esculturas</p> <p><i>LETTERING:</i> Feling Capela jornalista, poeta.</p>	<p>FELING CAPELA: Nós somos um povo que vem da oralidade, que vem contar histórias, histórias que remetem-nos a esperança, a acordar num futuro melhor, a batalhar, a lutar pelos nossos direitos. Então a única maneira que nós tínhamos de poder comunicar com nós próprios era ter a técnica da declamação, do <i>estocozelo</i>, que é a tradição, é palavra, palavra, palavra, canto, dança, usar o corpo, isso faz parte de nós.</p>

<p>15 -</p> <p><i>LETTERING:</i> O homem que vinha ao entardecer José Eduardo Agualusa</p>	<p>MARIA BETHÂNIA:</p> <p>Falava com devagar, ajeitando as palavras. Falava com cuidado, houvesse lume entre as palavras. Chegava ao entardecer, os sapatos cheios de terra vermelha e do perfume dos matos.</p> <p>Cumpria rigorosamente os rituais. Batia primeiro as palmas (junto ao peito)depois falava. Dos bois, das lavras, das coisas simples do seu dia-a-dia. E todavia era tal o mistério das tardes quando assim falava que doía.</p> <p>José Eduardo Agualusa</p>
<p>16 -</p> <p><i>LETTERING:</i> José Eduardo Agualusa Escritor, poeta.</p>	<p>JOSÉ EDUARDO AGUALUSA:</p> <p>O Eduardo dizia, tudo começa pela poesia, tudo começou pela poesia. E é verdade, em Angola, tudo começou pela poesia, neste movimento nacionalista que acabou por dar origem, enfim, a independência do país né. Portanto a literatura foi importante em Angola, a poesia realmente foi importante e foi transformadora. E em países como Angola, Moçambique, a maior parte dos países africanos que são países jovens, há essa questão da identidade que é central, a procura da identidade, a discussão sobre a identidade e aí desse ponto de vista acho que os meus livros estão perfeitamente enquadrados dentro desse espírito.</p> <p>MARIA BETHÂNIA:</p> <p>Todas as manhãs se erguiam sete sóis sobre a planície de Inharrime. Nesses tempos, o firmamento era bem maior e nele cabiam todos os astros, os vivos e os que morreram. Nua como havia dormido, a nossa mãe saía de casa com uma peneira na mão. Ia escolher o melhor dos sóis. Com a peneira recolhia as restantes seis estrelas e trazia-as para a aldeia. Enterrava-as junto à termiteira, por trás da nossa casa. Aquele era o nosso cemitério de criaturas celestiais. Um dia, caso precisássemos, iríamos lá desenterrar</p>

<p><i>LETTERING:</i> As mulheres de cinza Mia Couto</p>	<p>estrelas. Por motivo desse património, nós não éramos pobres. Assim dizia a nossa mãe. Mia Couto, Moçambique.</p>
<p>17 -</p> <p>Vemos imagens de pessoas sentados na pedra, perto do mar, pescando. Vemos imagens de mulheres com baldes na cabeça.</p> <p>Vemos crianças sorrindo e falando para a câmara.</p> <p><i>LETTERING:</i> Mia Couto Escritor, poeta</p> <p>Vemos imagens de mulheres</p>	<p>MIA COUTO: Basta estar na rua a ouvir as pessoas, as línguas nacionais de Moçambique, de origem Africana, tem essa cadência, um compasso, isso é na linguagem verbal, mas depois da linguagem gestual também. As pessoas estão, como escutei a Bethânia dizendo, todo o corpo está no ombros, é como se as pessoas assumissem que quando estão passeando estão pisando o mundo, não pedem licença né. Então a sua presença é proclamada.</p> <p>MIA COUTO: Para mim que não sei dançar é uma coisa terrível aqui eu explicar que não sei dançar, é uma coisa impossível, as pessoas não acreditam. Mas realmente eu tenho essa carência enorme, porque eu queria fazer música, eu queria dançar, então eu só tenho uma hipótese, só tenho uma saída, que é fazer as palavras dançarem, e trazer tudo isso que é essa exibição de movimento, de embalo que as pessoas tem na palavra e no corpo, trazer isso para a escrita. Quero fazer o mundo dançar.</p>

dançando e cantando.
Vemos Maria Bethânia recebendo o presente.
Vemos Maria Bethânia tirando foto junto às dançarinas.

MARIA BETHÂNIA:
Muito obrigada. Muito obrigada. Muito obrigada. Brava.

LETTERING:

José Eduardo Agualusa

LETTERING:

A cantadeira
Mia Couto

MARIA BETHÂNIA:

Bravos. Poeta da nossa língua. Quero convidar ao palco, dois rapazes lindos. Agualusa e Mia Couto.

AGUALUSA:

Eu vivi no Rio de Janeiro já há 16 anos. E lembro uma altura em que apanhei o táxi, e o taxista veio conversando comigo muito simpaticamente e numa altura parou e disse, mas você é da onde? Eu disse, eu sou da Angola, ele disse, Angola? Mas em que estado fica. Eu disse, não, não é no Brasil, é um país na costa ocidental da África, ele disse ah, então deixe-me lhe dar os parabéns, deixa-me parabenizar você, porque você fala muito bem português. Eu disse, bem sabe, é que nós em Angola falamos português. Ele disse, ah eu pensei que só no Brasil se falasse português. Eu disse então, em Portugal pelo menos..em Portugal. Ele disse, não, vamos lá ver, em Portugal falam uma língua meio atravessada, não é bem Português.

MIA COUTO:

Olha só, eu vivi um episódio que é um pouco parecido com isto. Ele era um jovem negro brasileiro. A gente tem sempre aquela ideia que um jovem negro é africano. Quem sai daqui da África pensa sempre que encontra esses irmãos lá. E perguntei, e você sabe qual é a sua origem? Já prevendo que como quase todos os negros brasileiros não sabem exatamente de onde é que vieram. E ele foi rápido e disse sei exatamente de onde é que eu venho. E eu disse, então mas vem da onde? E ele disse, venho da terra do rei. E eu perguntei lhe, mas o rei do Congo? E ele disse, rei de que? E ele disse não, eu venho da terra do rei Roberto Carlos. Então eu queria dizer um poema que eu fiz para si, é uma digamos assim, como eu posso dizer do afeto, da grande admiração que tenho, se não por uma poesia. Vou lê-la como eu sei.

LETTERING:

José Eduardo Agualusa

AGUALUSA:

Eu acho que era uma poesia que já estava escrita dentro de mim de alguma maneira não é. É um tributo tão natural, porque realmente ela me acompanhou estes anos todos, ao longo de todos estes anos, eu fui ouvindo aquela voz e aquela voz me conduzia a escrita, então quando me sentei para escrever porque o Mia disse, não, eu vou ler um poema para a Maria Bethânia. E eu pensei, bem, eu vou fazer o que? Então deixa-me... E fazia sentido, era uma coisa que fazia sentido, e portanto quando eu me sentei para escrever, foi uma coisa que saiu assim, já lá estava, já estava escrito. Para começar a escrever, Maria Bethânia é ótimo, porque tem essa...porque o que é bom, primeiro é a qualidade de também, da poesia que ela canta né? Mas depois a voz dela, aquilo é arrebatador, é uma pessoa, aquilo é hipnótico, obriga a escrever, empurra para a escrita, é uma voz que nos empurra, que nos faz querer escrever, porque deixa uma inquietação, eu acho que o segredo é a inquietação. A inquietação que nos leva a escrita.

MARIA BETHÂNIA:

Mas o Agua, quando eu soube que ele vinha participar da noite hoje com o Mia e comigo, eu falei, o quê que ele gosta, o quê que ele gosta, que eu gosto de agradar. É natural...E falou, gosta do seu irmão. Caetano.

Falei que delicia, então vai ser fácil né. Eu, irmã e perto, irmão.

Vamos fazer uma coisa do poeta que você gosta tanto no Brasil, meu mano?

AGUALUSA:

Vamos.

MARIA BETHÂNIA:

Pode ser?

AGUALUSA:

Ok.

Onde queres revólver, sou coqueiro e onde queres dinheiro, sou paixão.

Onde queres descanso, sou desejo e onde sou só desejo, queres não. E onde não queres nada, nada falta. E onde voas bem alto, eu sou o chão

E onde pisas o chão, minha alma salta e ganha liberdade na amplidão.

MARIA BETHÂNIA:

Onde queres família, sou maluco

E onde queres romântico, burguês

Onde queres Leblon, sou Pernambuco

E onde queres eunuco, garanhão

Onde queres o sim e o não, talvez

E onde vês, eu não vislumbro razão

Onde o queres o lobo, eu sou o irmão

E onde queres cowboy, eu sou chinês

Ah! bruta flor do querer

Ah! bruta flor, bruta flor

AGUALUSA:

Onde queres o ato, eu sou o espírito

E onde queres ternura, eu sou tesão

Onde queres o livre, decassílabo

E onde buscas o anjo, eu sou mulher

Onde queres prazer, sou o que dói

E onde queres tortura, mansidão

Onde queres um lar, revolução

E onde queres bandido, eu sou herói.

Eu queria querer-te amar o amor

Construir-nos dulcíssima prisão

Encontrar a mais justa adequação

Tudo métrica e rima e nunca dor

Mas a vida é real e de viés

E vê só que cilada o amor me armou

Eu te quero e não queres como sou

Não te quero e não queres como és.

MARIA BETHÂNIA:

Onde queres comício, flipper-vídeo

E onde queres romance, rock'n roll

Onde queres a lua, eu sou o sol

Onde a pura natura, o inseticídio

Onde queres mistério, eu sou a luz

E onde queres um canto, o mundo inteiro

LETTERING:

O querer
Caetano Veloso

Onde queres quaresma, fevereiro
E onde queres coqueiro, eu sou obus
O queres e o estares sempre a fim
Do que em mim é de mim tão desigual
Faz-me querer-te bem, querer-te mal
Bem a ti, mal ao queres assim
Infinidamente pessoal
E eu querendo querer-te sem ter fim
E, querendo-te, aprender o total
Do querer que há e do que não há em mim
Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor, bruta flor
Ê...meu mano!

Vemos uma mulher trabalhando na aldeia.

MARIA BETHÂNIA:

Germano, meu querido filho. Sou eu, a tua velha mãe, que te escreve. Depois de tantos meses sem nenhuma notícia tua, trago uma triste novidade: o teu pai acabou de falecer. Morreu do coração como morrem todos os homens, foi o que disse o Toninho da farmácia. Estou a ditar esta carta à vizinha Constança, que foi tua professora na escola primária. Ela manda te cumprimentos mas está zangada por nunca nos teres dado notícias. Quero te contar como o teu velho pai nos deixou. Já o contei tantas vezes que parece que, de tanto me repetir, me afasto deste triste dia. Estávamos no final da tarde e o teu pai encontrava-se sentado na soleira da porta. Escureceu e ele ali sentado, sem jantar, sem cear, sem dizer uma palavra. A meio da noite levei-lhe uma manta para que se cobrisse. Nada lhe perguntei, porque assim era entre nós. Foi então que me disse que ali ficaria até que o sol nascesse. De madrugada, quando descí a soltar os animais, dei com ele hirto e frio. O cunhado Arménio ajudou-me a puxar o corpo para dentro de casa e confidenciou-me que os homens da aldeia sabiam em segredo que iriam chegar soldados vindos de África. Se chegaram, não foi a nossa aldeia e teu pai morreu sentado a espera que viesses. E agora eu vou-te confessar o que apenas Deus poderia escutar. Houve vezes que esse teu pai, que Deus o tenha, chegou a rezar para que morresses ainda menino, não porque ele fosse malvado, mas pelas carências que padecíamos. E se Deus, te levasse assim, pequenino não eras tu que morrias. As crianças que morrem cedo, não são senão anjinhos. E quando os anjos morrem, não há choro, não há tristeza não há morte. Há apenas uma celestial criatura que Deus nos dá e nos tira. E foi por isso, confesso com o coração

LETTERING:

A espada e a Azagaia
Mia Couto

nas mãos, que permaneci calada ante esses pedidos do teu pai. Felizmente Deus nunca o escutou, e a partir de então, como que por um milagre, começaste a pertencer-me mais e mais sangue do meu sangue, vida da minha vida. E apeguei-me a ti de tal modo que se agravou o despeito que teu pai sempre sentiu por ti. A próxima coisa que vou fazer meu filho é ir a um cabelereiro. Não há nenhum aqui na aldeia, mas irei a vila que dizem que há lá uma senhora muito jeitosa. Talvez seja vaidade, talvez seja um pecado, quero apenas verme com meus próprios olhos, porque até aqui apenas soube de mim pelos olhos do meu marido. Quando voltares não quero ser apanhada de surpresa, como fez o teu pai. Que ainda hoje te espera na soleira da porta.

MIA COUTO:

Transcrevi na íntegra esta carta porque queria partilhar com o meu tenente não apenas o conteúdo mas o quanto, ao mesmo tempo, ansiava e receava esta notícia. Não é a gravidade do sucedido que me comove. É um sentimento de culpa. Não por ter esquecido o passado familiar. Outra culpa me assalta. E apenas ao meu tenente poderei dar conta de um segredo. No cacifo da camarata no colégio militar coloquei uma fotografia de alguém que a todos apresentei como sendo meu pai. Só que não era ele. Era um oficial de carreira cuja imagem recortei de um almanaque. A imagem era falsa mas o meu orgulho era verdadeiro. Aos olhos de todos eu era, como Vossa Excelência, o herdeiro de nobre tradição familiar. De tanto mentir e de tanto sentir em mim os olhos daquele desconhecido acabei por esquecer o verdadeiro rosto do meu pai. Trouxe comigo para África a foto desse anónimo progenitor e ainda hoje a guardo na minha escassa bagagem. Como vê, Excelência, não me falta assim tanto uma linhagem aristocrata. Inventei para mim esse

LETTERING:

A espada e a azagaia

Mia Couto

passado. Exibida na parede ou guardada na bagagem, essa minha outra vida é, com o devido respeito, tão verdadeira como outra qualquer.

21 -

Vemos crianças rindo e trançando
juntas o cabelo de uma menina.

LETTERING:
Milagrário Pessoal
José Eduardo Agualusa

MARIA BETHÂNIA:
Milagrário Pessoal.

AGUALUSA:
Dentro de ti ouço passar
o queixume dum quissange
uma guitarra que tange
uma cuica que ri
Escuto o alegre pulsar
de Lisboa, Rio, Luanda
o murmúrio da Kianda
o cantar do bem-te-vi

MARIA BETHÂNIA:
Dentro de ti vejo brilhar
palavras, como um tesouro
vaga-lume, ardor, besouro
ouço-as em seu fulgor
Auriflama, morança, vagar
palavras como um brinquedo
brucutu, malícia, folguedo
estropício, fagueiro, lavor

MIA COUTO:
Minhas línguas portuguesas, correntes do
mesmo rio, em que me perco e confio.
Gosto de ti tão diversa, tão cheia de mil
surpresas, tão inteira e repartida. Pedacos
da mesma vida.

MARIA BETHÂNIA:
Dentro de ti ouço passar o bregão da
quitandeira.

AGUALUSA:
A reza da benzedeira. O golo do relator.

MIA COUTO:
Escuto o alegre pulsar da Alfama, Leblon...

MARIA BETHÂNIA:
Os tambores do carnaval. O cantar do meu
amor

22-

LETTERING:

Nataniel Ngomane
Pres.Fundo Bibliográfico da língua
portuguesa

LETTERING:

Mia Couto
Escritor, poeta

MIA COUTO:

Acho que as palavras não se inventam, acho que elas revelam-se. Como tirar o pó de alguma coisa que estava lá e nós não víamos né. Quando havia uma palavra nova que eu dizia em criança, eu dizia, que essa palavra ainda estava por... e dizia inventar. Realmente, é uma coisa que vem de criança.

NATANIEL NGOMANE:

O Mia Couto e o Guimarães eles sempre tiveram o hábito de andar com um bloquinho, onde ouvindo uma palavra estranha, diferente, nova, eles anotavam. Mia Couto faz a mesma coisa, portanto, eles são o narrador que recolhe efetivamente as amostras de língua e leva para o seu laboratório e trabalha no seu texto.

MIA COUTO:

O nome sim, também fui eu que me atribui, segundo eles dizem. Porque foi uma coisa que eu tinha dois anos, três anos, não sei, e fui eu que disse que queria ser chamado assim, em homenagem aos gatos que paravam na varanda.

23 -

LETTERING

Idades, cidades, divindades
Mia Couto

Vemos alunos num coral cantando.
Vemos Maria Bethânia assistindo.

MARIA BETHÂNIA:

Na escolinha, a menina, propícia a
equivocos, disse: - masculino de noiva é
navio.

PROFESSORA:

A tia

ALUNOS:

A tia

PROFESSORA:

Leila

ALUNOS:

Leila

PROFESSORA:

Põe o pote

ALUNOS:

Põe o pote

PROFESSORA:

No lume

ALUNOS:

No lume.

24-

LETTERING:

Espumas flutuantes
Castro Alves

LETTERING:

Livro do desassossego
Bernardo Soares

LETTERING:

Ave Maria no Morro
Herivelto Martins

Vemos vários tecidos estendidos no varal.
Vemos uma mulher olhando para o mar, sorrindo.
Vemos uma mulher olhando para a câmara.
Vemos imagens de mulheres olhando para a câmara e sorrindo.
Vemos mulher brincando com o bebê.
Vemos mulheres olhando para a câmara e sorrindo.

MARIA BETHÂNIA:

**Bendito o que semeia livros, livros à mão cheia
O livro, caindo n'alma
É germe – que faz a palma,
É chuva – que faz o mar!**

Tenho uma espécie de dever de sonhar. De sonhar sempre, pois, não sendo mais, que uma espectadora de mim mesmo, tenho que ter o melhor espetáculo que posso. E assim me construo a ouro e sedas, em salas supostas, invento palco, cenário, para viver o meu sonho entre luzes brandas e músicas invisíveis.

**Tem alvorada, tem passarada
Alvorecer
Sinfonia de pardais
Anunciando o anoitecer
o morro inteiro no fim do dia
Reza uma prece ave Maria.**

Nossa Senhora, mãe de Jesus, Mãe de todos nós. Roga por tudo que tudo é teu, Por cada coisa, por cada ser, Pelos que cantam, pelos que choram, Pelos os que te esquecem, pelos os que te imploram. Santa maria nossa senhora, mãe dos tamarineiros, dos riachos, manguezais, dos dendezeiros bonitos, Maria dos canaviais, Maria das fontes limpas, Maria das Cachoeiras, Maria das águas claras, que brincam por sobre os seixos, Maria do Subaé, de águas tristes, pesadas. Maria dos barcos, canoas, Maria dos pescadores, de velas cheias de vento. Maria das canas doces, dos alambiques, do mel, Maria das flores, e folhas, das sementes, dos espinhos. Maria de cada casa e de todos os caminhos, Maria de nossa infância, Maria de toda gente, Maria de todo amor, Maria de cada Igreja, de azulejos, alfaias, redomas, lindos altares. Maria das procissões, das

LETTERING:

Ladainha de Santo Amaro
Mabel Velloso

LETTERING:

Saudade dela
Roberto Mendes, Nzaldo Costa

LETTERING:

Romaria
Renato Teixeira

festas, das romarias, dos cânticos, da
alegria. Maria de cada noite, Maria de todo
dia, das praças, coretos, cinema. Maria dos
meus amores, dos meus sobrados
tristonhos, dos meus mais doces sonhos,
Maria dos seresteiros, dos cantadores,
poetas, Maria dos sinos plangentes,
Maria das torres acesas, das palmeiras
solitárias, das pontes, muringas e rios.

**Dona da casa me dá licença
Me dá seu salão para eu vadiar**

**Maria de todo sonho, de música e
harmonia, dos pratos e dos pandeiros,
das festas de fevereiro. Maria das
chegadas e também das despedidas.
Maria de todas as vidas, Maria de todas as
horas, Maria nossa senhora, mãe do
menino Jesus, Rainha de toda a luz,
Cuida de tudo que tudo é teu.**

**É de sonho e de pó o destino de um só.
Feito eu perdido em pensamentos, sobre o
meu cavalo. É de laço e de nó, de jibeira o
jiló. Dessa vida cumprida a sol. Sou
caipira, Pirapora, Nossa Senhora de
Aparecida. Ilumina a mina escura e funda o
trem da minha vida. Sou caipira, Pirapora,
Nossa Senhora de Aparecida. Ilumina a
mina escura e funda, o trem da minha vida.**

25 -

LETTERING:

Nataniel Ngomane
Pres.Fundo Bibliográfico da língua
portuguesa

LETTERING:

Calane da Silva
Escritor, poeta

Vemos imagens de pessoas
trabalhando e conversando entre si.

NATANIEL NGOMANE:

Quando Portugal se lança para esta aventura colonial, há um elemento fundamental que ele vai usar para a dominação desses povos, que é a aculturação desses povos.

CALANE DA SILVA:

Muitos colonialistas diziam a referência às nossas línguas maternas, diziam línguas de cão. Repara a violência que isto é, que nós não tínhamos línguas. Depois, ainda hoje diz-se muito, vocês não, vocês falam dialeto. Quer dizer para eles havia o dialeto, não havia língua, enquanto nós temos vinte e três línguas mesmo, línguas.

LETTERING:

José Eduardo Agualusa
Escritor, poeta.

Vemos imagens aéreas da cidade.
Vemos mulheres conversando.
Vemos uma mulher tocando um
instrumento.

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA:

Para escrever *A Rainha Ginga*, para encontrar o tom certo, ajudou-me sim, um livro extraordinário da literatura angolana, que é a história geral das guerras angolanas do Cadornega, que foi um militar português, que foi muito jovem para a Angola, com quinze anos e no qual ele recorre a um português que é um português completamente angolano, isto no século 17, que é extraordinário. Você encontra ali um português cheio de termos e expressões angolanas, totalmente afeiçoados já a aquela geografia nova. Porque você vê que a linguagem da Angola naquela época, porque na verdade ele está a utilizar a linguagem da Angola naquela época, já é um português angolano, já era no século 17 um português angolano. Isso provavelmente é percussora até do Brasil, quer dizer é anterior ao português do Brasil, o que é muito interessante.

LETTERING:
Quero ser tambor
José Craveirinha

MARIA BETHÂNIA:

Eu tenho por Craveirinha uma atração. Ele me pegou, eu não sabia de onde ele era, o que ele escrevia. Eu li um poema dele, e falei esse poema é para eu dizer.

MARIA BETHÂNIA:

Tambor está velho de gritar, oh velho Deus dos homens, deixa-me ser tambor, corpo e alma só tambor. Só tambor gritando na noite quente dos trópicos.

Só tambor velho de gritar na lua cheia da minha terra. Só tambor cavado nos troncos duros da minha terra.

Eu. Só tambor. Só tambor rebentando o silêncio amargo da Mafalala

Só tambor velho de sentar no batuque da minha terra. Só tambor perdido na escuridão da noite perdida. Oh velho Deus dos homens eu quero ser tambor. Nem rio, nem flor, nem zagaia por enquanto, nem mesmo poesia. Só tambor. Tambor ecoando como a canção da força e da vida. Só tambor noite e dia, dia e noite só tambor. Até à consumação da grande festa do batuque! Oh velho Deus dos homens deixa-me ser tambor, só tambor!

28 -

LETTERING:

Mia Couto
Escritor, poeta

LETTERING:

Calane da Silva
Escritor, poeta

MIA COUTO:

Eu acho que esta frutíssima oralidade que está aqui presente, que depois o Craveirinha pega, o Craveirinha teve uma enorme influência também a mim, porque ele pega nisso e traz pros versos, é uma espécie, ele abre essa porta não é. E a rua, a vida entra com essa pujância, com toda esta coisa que é fortemente contraditória, os contrastes. E já nele a língua portuguesa é posta em causa, mas pelo lado, ele resolve isso pelo lado barroco, de repente aquilo é tudo ao mesmo tempo.

CALANE:

É uma espécie de Camões moçambicano, porque ele, toda a poesia dele ao fim ao cabo é um épico sobre a luta que o povo moçambicano travou desde sempre pela sua libertação.

29 -

LETTERING:

Salve as folhas
Ildásio tavares

LETTERING:

O que se odeia no índio
Reynado Jardim

Vemos pessoas dançando e tocando
instrumentos.

Vemos Maria Bethânia assistindo.

LETTERING:

O poeta come amendoim
Mário de Andrade

MARIA BETHÂNIA:

Cosí euê. Cosí orixá. Euê ô. Euê ô orixá.
Sem folha não tem sonho. Sem folha não
tem festa. Sem folha não tem vida. Sem
folha não tem nada. Quem é você e o que
faz por aqui. Eu guardo a luz das estrelas.
A alma de cada folha. Sou Aroni

O que se odeia no índio não é apenas o
ocupado espaço. O que se odeia no índio é
o puro animal que nele habita, é a sua cor
em bronze arquetada. A precisão que a
flecha voa e abate a caça; o gesto largo
que abraça o rio; o gosto de afagar as
penas e tecer o cocar; O que se odeia no
índio é o andar sem ruído; a presteza
segura de cada movimento; a eugenia
nitida do corpo erguido contra a luz do sol.
O que se odeia no índio é o sol. A árvore, o
rio. O corpo a corpo com a vida se odeia
no índio. O que se odeia no índio é a
permanência da infância.

Quem é você e o que faz por aqui. Eu
guardo a luz das estrelas. A alma de cada
folha. Sou Aroni

MARIA BETHÂNIA:

Que lindo. Epã, que linda!

MARIA BETHÂNIA:

Brasil amado não porque seja a minha
pátria. Pátria é acaso de migrações e do
pão-nosso onde Deus der...Brasil que eu
amo porque é o meu ritmo aventureiro
o gosto dos meus descansos,
o balanço das minhas cantigas, amores e
danças.

brasil que eu sou porque é a minha
expressão muito engraçada,
porque é o meu sentimento muito
pachorrento, porque é o meu jeito de
ganhar dinheiro, de comer e de dormir.

Vemos mulheres olhando para a
câmera, caminhando na rua com
cestas na cabeça.
Vemos mulher carregando o bebê.
Vemos mulheres rindo para a camêra.

Vemos mulheres se arrumando.
Vemos mulheres trabalhando.

LETTERING:

Grande Sertão Veredas
Tutamélia - terceiras estórias
João Guimarães Rosa

LETTERING:

José Eduardo Agualusa
Escritor, poeta

MARIA BETHÂNIA:

Moçambique parece muito com o recôncavo baiano, mais do que com o Brasil no geral. Então talvez tenha sido por isso que eu fiquei muito, muito em casa e muito atenta. Parece muito com o Santo Amaro da Purificação, minha terra.

Que linda.

MARIA BETHÂNIA:

O sertão tudo é e não é. O sertão é do tamanho do mundo. Sertão é o sozinho, é o dentro da gente, é o sem lugar. Um mundão de ausências, uma espera enorme, uma falta que sempre de repente volta a rodear a gente por todos os lados, o sertão é de noite, o sertão é onde manda quem é forte com as astúcias. Deus mesmo quando vier, que venha armado. As vezes, quase sempre, um livro é maior que a gente.

AGUALUSA:

O Luandino veio realmente do Guimarães Rosa não é. As pessoas pensam que o Mia veio do Guimarães Rosa, não é verdade. O Mia veio do Luandino. Quem veio do Guimarães Rosa foi o Luandino. O Luandino leu o Guimarães Rosa na cadeia percebeu que aquilo era importante na época, porque o que acontece é que a literatura Angola, Moçambicana, etc era considerada literatura portuguesa, realmente portanto o Luandino precisava romper com isso, ele precisava de criar algo que não pudesse ser identificado com a literatura portuguesa.

PAULINA CHIZIANE:

Literatura é exatamente este lugar , para eu respirar fundo e dizer o que me vem na alma. É lógico que eu escreva aquilo que me dói, aquilo que eu sinto, aquilo que eu sonho.

Tenho saudades do meu Save, das águas

LETTERING:

Paulina Chiziane
Escritora

azul-esverdeadas do seu rio. Tenho saudades do verde canavial balançando ao vento, dos campos de mil cores em harmonia, das mangueiras, dos cajueiros e palmares sem fim. Quem me dera voltar aos matagais da minha infância, galgar as árvores centenárias como os gala-galas e comer frutas silvestres na frescura e liberdade da planície verde.

31 -

LETTERING:

Sonhei que estava em Portugal
Moraes Moreira

MARIA BETHÂNIA:

Sonhei que estava um dia em Portugal
À toa num carnaval em Lisboa
Meu sonho voa além da Poesia
E encontra o poeta em Pessoa
A lua mingua e a língua Lusitana
Acende a chama e a palavra Luzia. Na via
pública e em forma de música, Luzia das
luzias das luzias.

O Mia me pediu para que lesse esse texto e
escolhi esse lugar.

**Mandado de despejo aos mandarins do
mundo**

Fora tu, reles esnobe plebeu. E fora tu,
imperialista das sucatas, charlatão da
sinceridade e tu, da juba socialista, e tu,
qualquer outro. Ultimatum a todos eles e a
todos que sejam como eles, todos. Monte
de tijolos com pretensões a casa inútil
luxo, megalomania triunfante e tu, Brasil,
blague de Pedro Álvares Cabral que nem te
queria descobrir. Ultimatum a vós que
confundis o humano com o popular, que
confundis tudo! Vós, anarquistas deveras
sinceros socialistas a invocar a sua
qualidade de trabalhadores para quererem
deixar de trabalhar. Sim, todos vós que
representais o mundo, homens altos,
passai por baixo do meu desprezo. Passai
aristocratas de tanga de ouro, passai
frouxos. Passai radicais do pouco! Quem
acredita neles? Mandem tudo isso para
casa descascar batatas simbólicas, fechem
tudo a chave e deem a chave fora. Sufoco
só de ter isso à minha volta. Deixem-me
respirar! Abram todas as janelas. Abram
mais janelas do que todas as janelas que
há no mundo. Nenhuma idéia grande,
nenhuma corrente política que soe a uma
idéia grão! E o mundo, o mundo quer a
inteligência nova, a sensibilidade nova. O
mundo tem sede de que se crie. O que aí
está a apodrecer a vida, quando muito, é
estrume para o futuro. O que está aí não
pode durar porque não é nada. Eu, da raça
dos navegadores, afirmo que não pode

Vemos imagens do mar.
Vemos uma mulher sorrindo e olhando
mar.

LETTERING:

Ultimatum
Álvaro de Campos

**durar! Eu, da raça dos descobridores,
desprezo o que seja menos que descobrir
um novo mundo. Proclamo isso bem alto,
braços erguidos, fitando o Atlântico e
saudando abstratamente o infinito. Álvaro
de Campo, 1917.**

LETTERING:

Mia Couto
Escritor, poeta

LETTERING:

José Eduardo Agualusa
Escritor, poeta

MIA COUTO:

Assim, conscientemente, como uma dívida que eu tenho para uma literatura, é brasileira de fato, embora eu não tenha começado por aí, eu comecei por Eugênio de Andrade, Sofia de Mello Breyner ou Fernando Pessoa, ou Mario Sá Carneiro. Naquele momento que eu já me assumo como escritor foram os brasileiros, de fato, João Cabral de Melo Neto, foi Manuel Bandeira, foi Drummond, mas tarde foi Guimarães Rosa né . Esses foram alguém, digamos, que me disse que há um caminho que está legitimado, que eu posso ir por aí. Porque havia aqui uma procura entre o que era escrever alguma coisa que era ditando a partir de Moçambique, que era sugerido a partir desta cultura, a partir desta realidade e depois o português de Portugal não servia, não espremia, e como fazer isto, como resolver?

AGUALUSA:

Eu fui percebendo que o meu instrumento de trabalho não é a língua portuguesa de angola, não é apenas a variante da língua portuguesa da angola. Enquanto escritor, eu tento trabalhar com a língua portuguesa na sua globalidade, ou seja, interessa-me a língua portuguesa falada em todos os países de língua portuguesa, interessa-me esse recurso todo, entende. Palavras que eventualmente não se usa em Angola, mas se usa no Brasil, que eu gosto muito, que eu encontro em algum lugar do Brasil, eu uso. Então a minha língua portuguesa é essa língua universal.

LECO NKULULECO:

Nós não queremos ler livros deles depois deles irem para o além, onde vão os deuses não é. Nós queremos ler agora, queremos beber agora, queremos viver, tocar, apalpar, pegar a Paulina, sentir quando ela expressa-se, um texto da sua prosa, pegar o Mia perceber o Mia quando

LETTERING:
Leco Nkululeco
Poeta

ele escreve o que que ele sente quando ele diz aquelas palavras tão ousadas, porque o Mia para mim é um fenômeno. Ele busca aquilo que a gente pensa que não existe, ele consegue buscar e dizer.

33 -

LETTERING:

Língua
Caetano Veloso

LETTERING:

Pátria minha
Vinícius de Moraes

LETTERING:

Calane da Silva
Escritor, poeta

LETTERING:

Paulina Chiziane
Escritora

MARIA BETHÂNIA:

Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões. Gosto de ser e de estar. E quero me dedicar a criar confusões de prosódias. E uma profusão de paródias. Que encurtem dores. E furtem cores como camaleões. Gosto do Pessoa na pessoa. Da rosa no Rosa. E sei que a poesia está para a prosa assim como o amor está para a amizade. E quem há de negar que esta lhe é superior? E quem há de negar que esta lhe é superior?

E deixe os Portugais morrerem à míngua. A minha pátria é minha língua.

A minha pátria é a luz, o sal e a água. Que elaboram e liquefazem a minha mágoa Em longas lágrimas amargas. Vontade de beijar os olhos de minha pátria. De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos.

CALANE DA SILVA:

O português faz parte do mosaico das línguas moçambicanas. Já apropriamo-nos da língua portuguesa.

PAULINA CHIZIANE:

Ao escrever em Português há muitos valores que eu perco na língua, que são oriundos da minha língua materna. Mas há uma questão muito interessante com a língua portuguesa. Esta língua é nossa. A língua que eu falo tem que ser minha, que isso. Eu não estou a falar a língua do outro, então deixe-me falar como me sinto bem.

MARIA BETHÂNIA:

Depois de uma tarde de quem sou eu, de acordar à uma hora da madrugada ainda em desespero, eis que às três horas da madrugada acordei e me encontrei, calma, alegre, plenitude sem fulminação. Simplesmente isso, eu sou eu. você é você. É lindo, é vasto, vai durar. Já sei mais ou menos que vou fazer em seguida, mas por enquanto olha pra mim. E me ama.

LETTERING:

E depois de uma tarde de quem sou eu
Clarice Lispector

Vemos o mar e as ondas.

Vemos tambores sendo tocados.
Vemos coral cantando e tocando
instrumentos.

Não, tu olhas pra ti e te amas. É o que está certo.

MARIA BETHÂNIA:

Do livro do Mia As sombras da água, na água, um trecho que une Moçambique à Bahia, minha Bahia e serve para toda humanidade.

Os passos foram se tornando cada vez mais enérgicos até atingir o vigor das passadas militares. Contagiado pelo elevô da mulher, o padre foi percutindo com as mãos sobre a capa de um volumoso livro. Que livro é esse? Perguntou Bianca. Sem parar de marcar o compasso, o padre explicou que se tratava de uma bíblia, que os suíços tinham trazido para as línguas nativas. A esse livro a gente local chamava de book. Bianca reagiu tão agressivamente que a voz se esganiçou. O livro sagrado serve agora de tambor? A música é a língua materna de Deus. Foi isso que nem católicos nem protestantes entenderam, que em África os deuses dançam. E todos cometeram o mesmo erro, proibiram os tambores. Na verdade, se não nos deixassem tocar os batuques, nós os pretos, fariamos do corpo um tambor. Ou mais grave ainda, percutiríamos com os pés sobre a superfície da terra e assim abrisseriam brechas no mundo inteiro.

LETTERING:

Mia Couto
Escritor, poeta

LETTERING:

Tristeza do jeca
Angelino de Oliveira

LETTERING:

Luiz Vieira, Arnaldo Passos

MIA COUTO:

A minha filha mais nova ontem mandou uma mensagem dizendo o teu texto ficou cinema. O que ela me tava a dizer é que a Bethânia conseguiu imprimir ali uma dimensão de uma coisa viva, de alguma coisa que eu próprio não tinha descoberto, sabes? Eu era como se tivesse, como se eu desconhecesse o que eu tinha feito. É muito lindo isso.

MARIA BETHÂNIA:

Deixo um coração muito agradecido, saio daqui com o coração grato e assim, vocês terão notícias de alguma coisa que estou levando, que ainda não se revelou completamente para mim, que virá no meu trabalho, aonde eu andar, enquanto eu viver. Inesquecível para mim.

MARIA BETHÂNIA:

Nesses versos tão singelos minha bela, meu amor.

Essa leitura é dedicada à Tereza Aragão e a Violeta Arraes, mestras da minha vida.

É tarde, eu já vou indo. Eu preciso ir embora, até amanhã. Mamãe, quando eu saí disse, bichinho não demora em Braçanã. Se eu demoro mamãezinha tá a me esperar. Pra me castigar, tá doido moço! Não faz isso não! Vou me embora, vou sem medo nessa escuridão. Quem anda com Deus não tem medo de assombração. E e eu ando com Jesus Cristo, no meu coração

É tarde, eu já vou indo. Eu preciso ir embora, até amanhã. Mamãe, quando eu saí disse, bichinho não demora em Braçanã. Se eu demoro mamãezinha tá a me esperar. Pra me castigar, tá doido moço! Não faz isso não! Vou me embora, vou sem medo nessa escuridão. Quem anda com Deus não tem medo de assombração. E e eu ando com Jesus Cristo, no meu coração.

SOBE CRÉDITOS

LETTERING:

Reconvexo
Caetano Veloso

**Muito, muito obrigada. Muito obrigada.
Pode ser.**

**Eu sou a chuva que lança a areia do Saara
Sobre os automóveis de Roma**

**Eu sou a sereia que dança, a destemida
lara**

Água e folha da Amazônia

**Eu sou a sombra da voz da matriarca da
Roma Negra**

**Você não me pega, você nem chega a me
ver**

Meu som te cega, careta, quem é você?

**Que não sentiu o suingue de Henri
Salvador**

**Que não seguiu o Olodum balançando o
Pelô**

E que não riu com a risada de Andy Warhol

Que não, que não, e nem disse que não

Eu sou o preto norte-americano forte

Com um brinco de ouro na orelha

Eu sou a flor da primeira música a mais

velha. Mais nova espada e seu corte

Eu sou o cheiro dos livros desesperados,

sou Gitá gogoya. Seu olho me olha, mas

não me pode alcançar. Não tenho escolha,

careta, vou descartar. Quem não rezou a

novena de Dona Canô. Quem não seguiu o

mendigo Joãozinho Beija-Flor

Quem não amou a elegância sutil de Bobô

Quem não é recôncavo e nem pode ser

reconvexo

